

## **Entrevista com a professora Doreen Massey\***

**Geosul** – Estamos reunidos em Fortaleza no dia 28 de setembro de 2005, por ocasião do VI Encontro da ANPEGE e entrevistando a professora e geógrafa Doreen Massey. Começamos pedindo para falar um pouco onde nasceu, sua família, ...

**Profa. Doreen** – Nasci no norte da Inglaterra, em uma família de classe operária, em uma grande área de conjuntos habitacionais estatais ao sul de Manchester. Minha mãe era secretária administrativa em uma fábrica. Ela deixou a escola aos 13 anos; meu pai deixou a escola aos 11 anos e foi trabalhar como jardineiro. Digo isto porque fui o primeiro membro da família que foi para a universidade. Tenho uma irmã que neste momento é uma boa amiga, viajamos juntas, e ela também se formou em geografia, em Southampton, mas não exerce, embora tenha a imaginação e o espírito de geógrafa. Por exemplo, no ano passado celebramos meu aniversário de 60 anos indo ao Ártico em um pequeno barco; foi magnífico. Então é uma pequena família em dois sentidos: somos de tamanho pequeno e somente quatro pessoas – e um gato enorme e amarelo, que é o dominante na casa! Estudei em uma escola pública do estado e depois ganhei uma bolsa para ir para outra escola diferente. Em 1963 fui para a universidade de Oxford, também com bolsa, o que torna possível para a classe operária frequentar a universidade. Estudei geografia. Porque geografia? Eu gosto de geografia, pela gama que estuda, a natureza e as humanidades. E também porque tive uma professora na escola que

---

\* Professora da Open University, United Kingdom. Entrevista realizada durante o Encontro da ANPEGE de Fortaleza em setembro de 2005 e que contou com a colaboração dos professores Rogério Haesbaert da Costa (UFF), Luiz Fernando Scheibe, Sandra M. A. Furtado e Maria Dolores Buss. Texto revisado e autorizado pela entrevistada (d.b.massey@open.ac.uk).

foi magnífica, Miss Leigh. Uma professora é muito importante porque ela pode mudar toda uma vida. Miss Leigh foi importante para mim e para minha irmã também.

Minha experiência em Oxford foi ambígua. Uma universidade muito da elite, com uma boa educação, mas ao mesmo tempo muito difícil para alguém da classe operária. E em Oxford me despertou a idéia de que não queria ser acadêmica, trabalhar em uma universidade. Isto foi influência das características de Oxford. Depois de formada, trabalhei no setor privado, que para mim foi um desastre completo. Mas o que fazer? O problema é que sou intelectual, mas não exatamente acadêmica. Tenho interesses políticos e muitos outros. Por fim em 1968 encontrei um novo emprego em um centro de estudos políticos (the Centre for Environmental Studies – CES), mas usando a geografia, fazendo planejamento, estudando as diferenças regionais. O ano de 1968 também é importante para mim porque a Universidade Aberta (Open University) aonde fui trabalhar, também se estabelece nesse ano. Outro fato interessante para a minha opção pela geografia é porque sou de uma região industrial, sobretudo têxtil, e muito jovem experimentei as diferenças interregionais. Nós, de Manchester temos o hábito de dizer: o que pensa Manchester hoje, Londres pensará amanhã. Talvez seja uma maneira de compensar a pobreza de Manchester em relação a Londres. Então a desigualdade regional foi experienciada ainda muito jovem, faz parte de minha vida. Trabalhei no Center for Environmental Studies, em Londres, até mais ou menos 1980, quando foi fechado pela famosa Margareth Thatcher que chegou ao poder em 1979; logo depois fomos despedidos. Então tive que buscar um outro emprego e fui para a Universidade Aberta (Open University). É uma universidade popular e em que os estudantes não têm necessariamente que ter nenhum nível de dedicação anterior a entrada e é o que se chama de universidade de segunda chance. Então têm alunos de todas as idades, na maioria mulheres, grande quantidade de pessoas da classe operária. Temos o ensino a distância, os estudantes têm um tutor na sua região e nós

escrevemos livros, fazemos programas de televisão, de rádio, fitas... Produzimos os cursos e os estudantes têm um professor perto deles que não somos nós.

**Geosul** – Funcionam cursos de graduação ou de pós-graduação?

**Profa. Doreen** – Tem cursos de graduação, mas também de pós-graduação.

**Geosul** – Começou a trabalhar neste centro de estudos ambientais (CES), mas qual era o tipo de trabalho que se fazia? Porque 1968 é muito cedo para o que hoje se entende como estudos ambientais.

**Profa. Doreen** – Sim, este foi um período de hegemonia da ciência espacial, de modelos matemáticos de regiões e cidades. Eu fiz parte disto, mas ao mesmo tempo estava desenvolvendo uma crítica, não porque foi matemático, mas sim porque estava baseado na economia neoclássica. Por isso, em 1971 ou 1972 fui aos Estados Unidos para aprender economia neoclássica. E uma maneira de ‘conhecer o inimigo’ como dizemos. Para criticá-lo tenho que conhecê-lo verdadeiramente.

**Geosul** – E como foi 1968 na Inglaterra? Na França foi toda aquela revolução...

**Profa. Doreen** – Havia um movimento de operários e estudantes. Mas não tão forte como na França e no México, por exemplo. Foi um movimento que tocou muito na subjetividade; nossa geração que na época estava com 20 e poucos anos, entrou em um mundo muito restritivo. Começamos a ter idéia de que outras coisas eram possíveis, deveria existir outro modo de viver, um outro mundo; tínhamos que inventar e que era possível. Foi um período muito otimista. Na Inglaterra tínhamos um governo trabalhista que foi bastante social-democrático e estabeleceu a Open University e o CES onde trabalhei, a Comissão de Ciências Sociais e tantas outras coisas. Foi um momento chave e importante. E com o Governo da Thatcher foi rompida toda esta organização social-democrática.

**Geosul** – Mas voltando para as atividades do Centro, o que era o ambiental?

**Profa. Doreen** – Nesta época o termo ambiental queria dizer mais urbano, o ambiente social mais que o natural. Na geografia inglesa ou anglo-saxônica houve um movimento para integrar um pouco mais as coisas ditas não humanas, não só a natureza, mas também as técnicas, a materialidade. Houve uma mudança no que se entende por ambiental.

**Geosul** – Muito do que se vê com o rótulo de ambiental tem a ver mais com o ambiente natural do que com o social.

**Profa. Doreen** – Agora também na Inglaterra, mas nos anos 60 se referia especificamente ao contexto social, urbano. É interessante ver que com o tempo as palavras mudam de conotação. Atualmente, outra vez se volta a uma abordagem mais social. É interessante. E sobretudo para a geografia, porque pretendemos integrar a natureza e a sociedade. Este fato de termos ao mesmo tempo geografia física e geografia humana é uma oportunidade para avançar não só na geografia, mas no estudo dos maiores problemas do mundo.

**Geosul** – Agora a influência de Bruno Latour é muito importante nestas abordagens mais integradoras.

**Profa. Doreen** – Sim, e não só ele, mas Donna Haraway, que é bióloga, por exemplo. Mas há também toda uma gama de autores.

**Geosul** – Mas depois como foi evoluindo seu pensamento até trabalhar com os sandinistas?

**Profa. Doreen** – Isto é interessante. Não queria ser ‘acadêmica’ no sentido mais formal. E a Open University foi parte da solução para mim. Também sempre tratei de vincular o que faço como intelectual e o que faço como pessoa política. Não é o que penso no meu escritório ou na biblioteca, y depois vou para a política para implementar minhas idéias. É que ao participar na política desenvolvo minhas idéias. Também na Nicarágua. Os anos 80

também foram chave. Cinco anos depois da chegada da Margaret Thatcher ao poder, tínhamos um conselho muito radical em Londres onde participei; também tivemos os movimentos dos mineiros na Grã-Bretanha e o movimento sandinista. Eu estava um pouco envolvida com tudo isso. Para mim o mais importante foi que aprendi muito com tudo isso, principalmente no tocante aos meus pensamentos teóricos. No GLC (Conselho da Grande Londres), participei como membro do conselho tendo cargo no planejamento econômico para a cidade. No escritório é muito fácil ter idéias de como as coisas devem funcionar, mas quando se trata de implementar um projeto econômico é diferente. Por exemplo, Thatcher estava reestruturando a economia nos serviços da capital, e no Conselho estávamos preocupados com a reestruturação da economia de Londres, mas priorizando os trabalhadores. Então foi muito difícil. Me fez pensar muito sobre a industrialização, a localização das indústrias... Então foi uma troca que se fez um pouco lenta entre os pensamentos mais intelectuais e os mais políticos.

**Geosul** – Londres tinha antes uma administração mais trabalhista?

**Profa. Doreen** – Mais que trabalhista. Radical. Formalmente era trabalhista, mas na prática, radical. Feminista, anti-racista, envolvida na luta sexual.

**Geosul** – E como funcionava este Conselho? Era um conselho formal?

**Profa. Doreen** – Sim, eleito por votação. Os conselhos foram fruto da municipalidade esclarecida. Os conselhos representavam outro tipo de voz, de esquerda, em um governo nacional conservador da Thatcher. Tinha conselhos de esquerda também Sheffield, Liverpool, Birmingham, e em Manchester; os trabalhistas de esquerda tinham poder nas cidades. E estes conselhos funcionaram até 1985 quando foram extintos pela Margaret Thatcher. Então ela aboliu este nível de governo no país. Foi incrível. Foi um período muito interessante. De um lado tínhamos este governo nacional

conservador, e de outro lado tivemos uma geografia de resistência contra este governo conservador, representado pelas regiões mineiras e pelas cidades nas mãos da esquerda. Foi uma luta muito grande. Os mineiros foram vencidos e os conselhos das municipalidades, que foram muito importantes, foram abolidos.

**Geosul** – E como era o funcionamento destes conselhos? Eles são pouco conhecidos entre nós.

**Profa. Doreen** – Sei que aqui em Fortaleza tem governo petista, há uma relação entre a cidade e o nível nacional. Tem muita coisa que se pode fazer a nível municipal.

**Geosul** – E então como toda esta experiência vai dar na sua ida para a Nicarágua?

**Profa. Doreen** – O Conselho de Londres organizou um congresso alternativo de economia, pois na Inglaterra tinha um outro, oficial, organizado pelo G 8, ou algo assim. Tivemos delegações de todo o mundo inclusive da Nicarágua. E me perguntaram se seria possível eu ir até a Nicarágua para ajudar em alguns projetos. E quando começou a Open University me senti um pouco prisioneira, pois foi a primeira vez que eu tive um emprego permanente. Mas tínhamos a possibilidade de ter dois meses de sabático a cada ano, o que me proporcionou acumular seis meses com os nicas em Manágua, fazendo pesquisas em um instituto. Mas não é uma grande coisa, pois nesta época havia muitos estrangeiros na Nicarágua. Para mim foi muito interessante. Melhor para mim do que para os nicas. Tenho uma lembrança muito forte de estar vendo o noticiário sandinista, um programa em que o Ronald Reagan estava falando aos Estados Unidos e atrás dele tinha um mapa dos Estados Unidos e da América Central. E quando ele estava falando o vermelho da Nicaraguá cresce pegando Guatemala, Honduras, México e os outros países, falando da grande ameaça de apenas três milhões de pessoas da Nicarágua. Foi incrível. E nós não tínhamos nada, nem chocolate. Nicarágua foi a ameaça de um bom exemplo.

**Geosul** – De que forma a Nicarágua influenciou você?

**Profa. Doreen** – Não sei dizer. Sei que teve efeitos. Aprendi muito sobre outra forma de desigualdade. Aprendi muito sobre o poder dos Estados Unidos. Mas também tenho medo de me descrever como uma geógrafa do desenvolvimento. Não fui uma pessoa de centro que entra em um país para estudá-lo. Quero mais é ajudar nas coisas quase técnicas, ou provocar uma conversação. Trabalhei um pouco também com o ANC na África do Sul quando estavam tratando de desenvolver um plano econômico e a constituição nacional. Eu fui para a África do Sul com um convite, mas com um papel específico de não dar conselhos, pois não sei nada da África do Sul. Mas o que se podia fazer era atuar como uma provocadora de perguntas, levantar questões. Eles tiveram problemas em como fazer uma constituição com certo grau de descentralização, mas numa situação em que há tanta desigualdade espacial. Se der grande independência para as regiões vai aumentar mais ainda a desigualdade, pois há regiões brancas, regiões africanas. Então havia uma tensão entre a meta de descentralização e a meta de igualdade; muito interessante. Eu fui para lá para simplesmente estimular um debate.

**Geosul** – E esta é justamente a verdadeira função da universidade, muito mais que dar solução para os problemas.

**Profa. Doreen** – Creio que sim. Estimular debate, provocar o pensamento.

**Geosul** – Você disse hoje, na conferência de abertura do encontro da ANPEGE que trabalhou em Berkeley?

**Profa. Doreen** – Sim, em 1981, por três meses, quando estava sem emprego na Inglaterra, pois tinha sido extinto o Centro e fui a Berkeley no departamento de geografia.

**Geosul** – O que você acha da geografia que se faz no Brasil?

**Profa. Doreen** – Teria que ler mais sobre isto. Não conheço bastante. Mas penso que o que há de mais importante que se faz aqui, como em outros países, é não copiar os modelos estrangeiros. Desenvolver algo próprio. O que vejo são muitos trabalhos originais e interessantes.

**Geosul** – Hoje na conferência você falou no espaço como dimensão da multiplicidade. Milton Santos fala da coexistência de tempos diferentes, mas se referindo mais sobre o aspecto dos diferentes tempos da técnica.

**Profa. Doreen** – Sim, há muitos tempos. O tempo da natureza... Mesmo dentro de mim há muitos tempos: o da degradação do meu corpo, tempo dos encantamentos rápidos, etc. Somos todos uma mescla de temporalidades distintas. Quando fazemos com o espaço uma fila histórica, reduzimos o tempo simplesmente a uma temporalidade. Muita gente já disse isto, não só eu, nem Milton Santos. Althusser já disse e muitos outros.

**Geosul** – E no que você está trabalhando agora?

**Profa. Doreen** – Neste momento estou trabalhando em um projeto de pesquisa que tem raízes na minha experiência política em Londres utilizando los conceitos de espaço elaborados em meu último livro *For Space* para sugerir outra política para a grande Londres. Não é um projeto empírico, mas de reflexão sobre a minha experiência em Londres e de participar em outros movimentos, como o Fórum Social.

**Geosul** – E sua mudança de enfoque entre os anos 80 e os 90? Como se deu a passagem da geografia marxista....

**Profa. Doreen** – Para mim foi bastante fácil desenvolver uma geografia mais esquerdista no meu trabalho, mais marxista. Foi também feminista. E eu estive em Oxford em 1969 no primeiro encontro feminista. Para mim foi mais difícil saber como utilizar estes pensamentos feministas dentro de meu trabalho acadêmico. Estava desenvolvendo geografia industrial e em meu livro *Spatial*

Divisions of Labour se nota que sou feminista; há de vez em quando, umas brincadeiras. Mas foi mais com a luta sobre sexualidade e o desenvolvimento da luta feminista que entendi como há uma relação entre meus trabalhos intelectuais e essas lutas, sobretudo no tocante à identidade. Porque uma pergunta chave no movimento feminista é: o que é uma mulher? Para o movimento foi absolutamente necessário ter um conceito de mulher. Mas ao mesmo tempo foi óbvio de que não há esta coisa do que é uma mulher, mas dos processos de construção do que é uma mulher. A mesma coisa referente à sexualidade. Nestes anos foi muito difícil pensar na identidade e na construção da identidade pelo marxismo. Depois li Louis Althusser e comecei a entender sua maneira de pensar em um modo ‘não-essencialista’. Porque o que disse Althusser foi que não há ponto de partida, estamos sempre estruturando, sempre há outra estrutura atrás desta. Isto foi a base de desenvolvimento, o que deu as bases para a reconceitualização da identidade, que foi tão importante para todas as lutas feministas, sexuais. Com esta mudança, a meta política foi mudar as relações de produção destas identidades, não simplesmente defender as identidades dadas. É uma política diferente. E para mim muito importante.

**Geosul** – A Comissão Editorial da Revista Geosul agradece a sua disposição em conceder esta entrevista.